

## APRESENTAÇÃO

O volume 2 da **Revista Boitatá** traz uma coletânea bastante heterogênea de artigos que refletem as inúmeras possibilidades de trabalho com a voz no campo da literatura.

Este volume se inicia com o artigo de Valda Verri, intitulado “Guimarães Rosa e uma visão sobre a oralidade”, no qual a autora trata do narrador do conto guimarasiano “Desenredo”, mostrando como ele se faz um sujeito da cultura oral, ao contrário de outros escritores regionalistas que prescrevem o “apagamento” da voz oral em detrimento de uma cultura letrada.

O segundo artigo, intitulado “Simões Lopes Neto: lendas e mitos gaúchos”, de Lisana Bertussi, joga luzes, principalmente, sobre a obra *Lendas do Sul*, em que a autora busca fazer uma apresentação de quatro histórias que constituem, a seu ver, uma “alegoria” das fases de formação do Estado do Rio Grande do Sul.

Leoné Barzotto, em “Tradição Oral Ameríndia em uma Tessitura Literária Intersemiótica”, faz uma análise de *A História do ventríloquo*, de Pauline Melville, obra cuja trama se passa na Guiana Inglesa, tratando da população ameríndia e de sua complexa cultura oral, bem como suas transformações no contato com outras civilizações. Com um olhar crítico sobre o pensamento culturalista, a autora perpassa discussões levantadas por Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall, entre outros, e faz uma reflexão a respeito da contribuição dos Estudos Culturais para a reflexão entre a relação implexa da letra e da voz.

Com “‘Meus pensamentos são todos sensações’: corpo e voz nas narrativas orais africanas”, Ana Lúcia Tettamanzy fecha, neste volume, os contrapontos entre as relações do oral e do literário. A autora faz uma análise minuciosa a respeito da presença do corpo em algumas histórias da literatura africana de língua portuguesa, como as que figuram nas coletâneas de Lourenço do Rosário e António Trabulo. Para Tettamanzy, a oralidade presente nas histórias por ela analisadas constitui “a corporeidade de que o século XXI se ressent. A arte da voz é capaz de criar outros mundos ao aproximar os corpos no momento da performance”.

Uma outra perspectiva de trabalho com a oralidade se encontra no artigo “Da Grécia à MPB: Poesia, Música e Oralidade”, de Cláudia Galindo. Nele, a autora busca estabelecer uma relação entre a poesia oral do mundo Antigo e da Idade Média e a MPB

contemporânea, passando pela poesia simbolista. Para a autora, a voz poética oral “se formula através de uma linguagem, que busca ser a ressonância interna de homens históricos, sincrônicos e diacrônicos, simultaneamente”.

A poesia popular está contemplada numa série de três artigos, pelo qual começamos com o de Maria Ivoneide da Silva, em “‘O rei dos cantadores de viola nordestina’: sua história e sua glória”. Trata-se de um texto biográfico-poético a respeito de Pinto do Monteiro, grande repentista paraibano, conhecido também por “um dos maiores vultos da viola” ou “o papa dos violeiros”, entre outros apostos. A principal qualidade do texto de Silva recai sobre a sensibilidade na qual trata as várias peijas por qual passou Monteiro, demonstrando que a poesia oral não se encontra desvinculada de um contexto de enunciação.

Numa abordagem semelhante ao artigo de Silva, mas com um enfoque direcionado para as reflexões acerca da memória e da voz, está o artigo de Lílian de Oliveira Rodrigues. Em “Percorrendo os Cantos da Memória: Poesia, Narrativa e Cotidiano”, a autora faz um estudo de D. Militania, que também se apresenta como D. Maria José, voz-imagem da comunidade narrativa de São Gonçalo do Amarante (RN). São muito interessantes as veredas mnemônicas percorridas por Rodrigues na entrevista de História de vida que faz com D. Maria José, o que assinala a presença de uma voz que se confunde com o próprio coletivo. Nas palavras de Rodrigues, “no caldo derivado da memória, os relatos da colaboradora da pesquisa refazem a trajetória de muitas histórias como essa que remontam uma vida extremamente sacrificada enfrentada com muita coragem”.

Fechando esta série de narrativas populares, está o artigo de Doralice Fernandes Xavier Alcoforado. Em “A Representação do Ciclo do Boi nos Romances Tradicionais”, a autora aborda a literatura popular com ênfase no ciclo do boi em vários folguedos e narrativas tradicionais brasileiras. Recorrendo a autores como Sílvio Romero, Théó Brandão, Câmara Cascudo, Washington Queiroz, Pereira da Costa, entre muitos outros, a Alcoforado discorre sobre a figura simbólica do boi para a popular do Nordeste, pelos séculos XVIII, XIX e XX, chegando à conclusão de que “mesmo morto, a fama do boi sobreviverá nas narrativas que continuam sendo recriadas e que atualizarão a sua história a novos tempos, a novas formas, a novas realidades culturais”.

Numa vertente bastante diferente das oralidades tradicionais, encontra-se o artigo de Vinícius Silva de Lima, “Polipoesia e Recuperação da Performance da Voz”, no

qual o autor vai analisar a relação entre as poéticas de vanguarda e o potencial de construção performática. Citando Enzo Minarelli, o autor afirma que “a polipoesia é concebida e realizada para o espetáculo ao vivo”. Nesse sentido, Lima aborda uma poesia cujo experimentalismo lingüístico vai privilegiar o trabalho com o corpo, a voz e a imagem. Trata-se de uma contribuição bastante significativa a respeito das oralidades de vanguarda e dos potenciais da voz tão estudados por Paul Zumthor.

Dessa forma, o volume 2 da **:Boitatá** cumpre os objetivos do GT de Literatura Oral e Popular ao se afirmar como um espaço de disseminação das pesquisas produzidas no campo da literatura, poesia e oralidade. Em outras palavras, estão contempladas aqui as discussões a respeito das Oralidades Tradicionais, Oralidades de Vanguarda, Oralidade e Literatura e Oralidade e Mídia.

Só tenho a desejar uma boa leitura!

Frederico Augusto Garcia Fernandes  
Coordenador do GT de Literatura Oral e Popular